

Igino Giordani, sempre atual

Vinte anos depois de sua morte, Igino Giordani continua sendo modelo de uma santidade enraizada nas realidades humanas e no compromisso com a construção de uma nova sociedade.

Antonio Maria Baggio

Ultimamente tem crescido, de maneira constante, o interesse pela figura de Igino Giordani: o escritor, o jornalista e o político, sobretudo a partir da notícia de que o bispo de sua cidade Tívoli (Itália), havia dado início à sua causa de beatificação. Também no âmbito do Movimento dos Focolares, do qual ele é considerado co-fundador e fonte de idéias e de ações, parece ser este o seu momento.

Chegam diariamente ao Centro Igino Giordani – que surgiu para recolher e estudar toda a sua obra –, notícias e pedidos de informação e de orientação referentes a diversas iniciativas que focalizam a sua figura. Até agora 48 trabalhos acadêmicos – dissertações de mestrado e monografias de conclusão de curso – foram dedicados à sua pessoa, em diversas universidades do mundo; outros seis trabalhos estão sendo preparados. São numerosos os centros culturais e os cursos de Doutrina Social da Igreja e de formação política a ele dedicados, como também os congressos universitários que, continuamente, aprofundam o pensamento de Giordani e o seu testemunho.

Todo esse interesse encontra justificativa na centralidade da doutrina social presente no pensamento de Giordani, que sempre considerou o cristianismo como um grande fenômeno de inovação também no campo social.

Especialmente nos tempos do fascismo, quando muitas vozes foram forçadas ao silêncio, Giordani foi considerado um mestre nesse fenômeno de inovação.

Em que se baseia esta sua efetiva contemporaneidade? Esta é uma das perguntas que fizemos ao sociólogo Tommaso Sorgi, diretor do Centro Iginio Giordani.

Cidade Nova: *A que se deve o crescente interesse pela pessoa e pelo pensamento de Iginio Giordani?*

Tommaso Sorgi: Há alguns dias um estudioso, um historiador do pensamento político, escreveu-me uma carta na qual defende que Giordani é “contemporâneo do futuro”. De fato, na sua obra dos anos 20 e 30 encontramos temas e exigências que surgem hoje como problemas atuais. Já naquela altura ele tratava deles e os vivia com clareza.

Esta capacidade que Giordani possuía de ler os sinais dos tempos e a verdadeira importância dos fatos históricos se devia somente aos seus talentos pessoais ou existia algo mais?

O valor de Giordani não está apenas no fato de ter sido o homem excepcional que foi. Ele é importante também como portador de um desígnio de Deus, de um papel que, através do Movimento dos Focolares, diz respeito a muitas outras pessoas. Eu tenho a convicção de que Deus, através de todas as experiências de sua vida, o tenha preparado para este desígnio, fazendo-o viver por três grandes amores: por um cristianismo heróico, por uma Igreja militante e ativa em meio à problemática do mundo e pela humanidade em todas as suas dimensões.

Giordani deixa transparecer nos seus escritos estes três amores?

Certamente. E será oportuno fazer uma releitura de sua obra sob esta ótica. Recordo-me, por exemplo, de um artigo seu dos anos 30, no qual

sublinhava que hoje é “a hora da inteligência”, ou seja, como é importante que os cristãos saibam escrever, estudar, desenvolver-se na cultura e na arte, e ser um testemunho, para além de toda estrutura e de todo formalismo.

No seu livro *Rivolta cattolica* (Revolta católica) ele escrevia: “Aceitemos a realidade como o tormento do espírito humano a forja, estando sempre atentos para retificá-la, para nela influir. Agora cristianizemos estas novidades, e, fraternizando, cristianizemos a democracia, o avião, o arranha-céu, o escritório, as fábricas, o turbilhão das metrópoles, a rádio, o linotipo, a velocidade”.

É uma ação que, segundo Giordani, os cristãos são chamados a conduzir no meio da humanidade, para além do círculo dos batizados. De fato, no ano de 1937 ele escrevia: “Todos os homens são consangüíneos com ele (Cristo), e nós somos consangüíneos entre nós. Pode existir uma barreira, um empecilho, diante desta consangüinidade universal?” É esta idéia que está na base do seu compromisso político pela paz e pela não-violência.

Como Giordani vivia o seu compromisso político?

Ele militava na política, mas sentia ao mesmo tempo uma forte necessidade de recolhimento, de solidão, de sacrifício; e mirava sempre às coisas de Deus: “Mas não são talvez os partidos, a política, que são o nosso cilício?” Ou seja, ele via na política o instrumento de penitência necessário para a santificação do homem político. E ainda em 1944: “A política é serviço social, é caridade em ato”.

Na década de 1920, padre Luigi Sturzo – vanguardista na luta pelo empenho dos cristãos na política – pensava em formar uma aliança entre os cristãos de todos os países, a *Internacional Branca*. Giordani foi um dos principais estimuladores dessa idéia: “Coloquemos como base desta aliança um mandamento ignorado por todas as ideologias humanas: ama o inimigo mais do que a ti mesmo”. Sua visão da política era muito clara: “A política é um meio, não é um fim. Antes de tudo a moral, antes de tudo o homem, antes de tudo a

coletividade, depois o partido, depois a plataforma programática, depois a teoria de governo”.

Quando Giordani se encontrou com Chiara Lubich, em 1948, ele já possuía toda essa experiência humana?

Sim. Quando ele encontrou Chiara, em setembro de 1948, ele era um gigante na Igreja, e não apenas no âmbito eclesial italiano, já que seus livros tinham sido traduzidos em várias línguas; ele estava no vértice da cultura católica. Autor de 60 livros, escreveu também cerca de 80 opúsculos e ensaios, e alguns milhares de artigos. Giordani estava entre os colaboradores mais próximos de padre Luigi Sturzo nos tempos do Partido Popular, antes do fascismo, e foi, durante o segundo pós-guerra, deputado na Câmara: exatamente lá onde aconteceu o seu primeiro encontro com Chiara Lubich.

Mesmo com toda essa riqueza humana ele sempre considerou o encontro com Chiara o fato mais central de toda a sua vida. Por quê?

Giordani possuía uma visão eclesial inovadora que lhe era própria. Ele sofria particularmente com a separação existente entre consagrados e leigos, como se, na Igreja, existissem cristãos de classe A e cristãos de classe B; uma situação que, na sua opinião, não exprimia o verdadeiro espírito do cristianismo, e tampouco a experiência da Igreja nas suas origens que ele, como estudioso do cristianismo e dos Padres da Igreja, conhecia muito bem.

A história e a experiência dramática do século XX levaram-no a compreender a importância da presença ativa do cristianismo na esfera social, tanto para a defesa da dignidade da pessoa humana, quanto para o desenvolvimento de toda a humanidade. Giordani também tinha um sonho: que todo leigo fosse um leigo-Igreja, de uma Igreja de comunhão entre leigos e sacerdotes, entre consagrados e casados. Ele sonhava com um cristianismo verdadeiramente católico, ou seja, universal, contínua encarnação, coerência

entre fé e obras. E Giordani via tudo isso realizado, profeticamente, no carisma de Chiara.

O que ele colheu daquele encontro com Chiara?

Tudo aquilo que Giordani foi, ele o foi com pureza de coração; ele era puro tanto na cultura como na política. Por isso, quando encontrou Chiara “viu” a obra de Deus (“Bem-aventurados os puros porque verão a Deus”); intuiu a grandeza do carisma da unidade recebido por Chiara.

Ao ouvir a sua experiência, ele lembrou imediatamente de Catarina de Sena, santa que ele sempre admirara porque unira em si a radical e pessoal doação a Deus e a ação política; tanto que, por toda sua vida, tinha procurado uma figura similar com a qual ele queria estar ligado e em quem encontraria inspiração para a realização do seu papel na sociedade. Giordani encontrou esta figura em Chiara Lubich, e abraçou o seu ideal de forma radical. Ele utilizou seu patrimônio intelectual não para se confrontar com Chiara, mas para compreendê-la com o coração e com a mente, para colocar-se inteiramente – cultura e vida – a serviço do carisma da unidade.

Após o encontro com Chiara, Giordani vive uma segunda conversão e se torna “Foco” (fogo), nome com o qual, por causa do seu ardor, passa a ser chamado pelos membros do Movimento dos Focolares.

O senhor mencionou que Igino Giordani é portador de um desígnio. O que significa isso?

Foi exatamente o encontro com o carisma de Chiara que manifestou, pouco a pouco, o desígnio de Giordani. Menciono apenas dois aspectos de grande importância. Giordani foi o primeiro no Movimento dos Focolares a experimentar um milagre particular do Amor de Deus: aquele que pode conferir, a quem ama, uma virgindade espiritual, ou seja, que permite também a quem é casado e está no meio do mundo entrar em uma intimidade com Deus que, no

passado, era reservada somente aos consagrados. Este milagre particular permite que casados e consagrados, espiritualmente iguados pelo amor, procurem reviver a realidade da família de Nazaré, em pequenas comunidades em meio ao mundo: os focolares. É um dom extraordinário que Maria, virgem, esposa e mãe, doa à humanidade através do Movimento dos Focolares.

O segundo aspecto se refere à humanidade: Giordani, com a sua experiência, com a sua história, sendo um homem público, com as suas exigências, representa a humanidade e, de certa maneira, a contém em si, diante do carisma de Chiara.

À luz do carisma da unidade, esta humanidade é vista, se assim podemos dizer, como Deus a vê, no seu “dever ser”, como humanidade nova em Cristo. Neste sentido, podemos dizer que Giordani, no âmbito dos Focolares, representa o desígnio de uma nova humanidade, que o Movimento procura construir através da penetração do carisma da unidade nos diversos campos do agir humano: a economia, a política, a arte, a ciência.

Os novos movimentos que hoje surgem a partir do Movimento dos Focolares, e que realizam uma “economia de comunhão”, uma “política de comunhão” são portanto a concretização do ideal da unidade na história contemporânea, na medida em que este carisma de Chiara é compreendido historicamente em Giordani.

Também por essa razão, Chiara considera Igino Giordani um co-fundador dos Focolares; e nós devemos sempre olhar particularmente para Giordani se quisermos entender o que significa o ideal da unidade concretizado na história.

O meu encontro com Foco

Munir Cury

Conheci Foco – assim, carinhosamente, chamávamos Iginio Giordani – no ano de 1976. Recebeu, a mim e a um pequeno grupo de amigos, em sua casa, num clima de cordialidade, abertura, alegria e simplicidade – essas pareciam ser algumas das suas muitas características. O nosso encontro transcorreu com muita naturalidade. Era um dos primeiros encontros para focolarinos casados, dos quais Foco era o modelo por ter sido o primeiro a percorrer esta via na Igreja.

De que se falou naquele encontro? Éramos todos casados e profissionais das mais diversas áreas, imbuídos do único desejo de colaborarmos na formação de homens novos, de famílias renovadas pelo amor e de uma sociedade justa e fraterna. Discorremos inicialmente sobre a nossa posição e função no mundo moderno, cheio de contradições e ambigüidades.

Recordo-me de que até mesmo os ambientes em que se desenrolaram as nossas conversas eram propícios e acolhedores para a recepção de uma intensa luz que passaria a se revelar. Na sua casa – onde estávamos no início do encontro (depois da morte de sua esposa ele se transferiu ao focolare, para viver em comunidade) – tínhamos a impressão de penetrar na sacralidade de um tabernáculo, onde as mínimas coisas se revestiam de verdade e eternidade e nada existia de supérfluo ou secundário. Terminávamos cada encontro com ele alimentados e saciados, iluminados e robustecidos pela Verdade. Era como se estivéssemos preparados para fermentar a humanidade que nos aguardava.

Iginio Giordani, com o seu permanente e caloroso sorriso, que parecia nos acolher e compreender, foi nos doando aos poucos as pistas para a verdadeira felicidade humana, conjugal e familiar. Permeadas de um perfume inesquecível, as suas palavras revelavam segredos, intimidades, chaves para desvendar enigmas.

Falou-nos da santidade e de como alcançá-la, de maneira simples, mostrando-a possível de ser realizada, revelando-a atraente, também – e sobretudo – para nós casados, no cotidiano dos nossos desafios, das nossas

dificuldades muitas vezes ásperas e intermináveis, nos nossos momentos de alegria, felicidade e prazer. Nada de mistérios ou obstáculos intransponíveis.

Falou-nos do amor, ou melhor, do Amor presente entre nós casados. Apresentou-nos a Família de Nazaré como a chave para transformar o nosso lar, penetrando nesse luminoso templo de paz, concórdia e harmonia. Dizia ele: “Lá está o segredo da verdadeira felicidade que os homens procuram. Lá está, com a presença viva de Jesus entre Maria e José, o modelo a ser reproduzido na vida conjugal e familiar. Lá está a realização e a plenitude do homem e da mulher deste século e dos séculos vindouros”.

Fluindo dos seus lábios com facilidade e ternura, as palavras vinham com o sabor do seu passado e do seu presente, pronunciadas com toda a carga dos anos de paternidade e doação. Não eram meras palavras articuladas: eram vida.

Recordo que a vivacidade e a energia do seu olhar uniam-se ao seu forte apelo para que vivêssemos de forma absoluta e radical o sacramento do matrimônio, que o renovássemos a cada momento, que o tornássemos sempre atual e vigoroso. Nesse verdadeiro mergulho na essência da nossa vida conjugal – dizia – está a fonte que sacia a nossa sede de felicidade.

Assim como um pai dita aos seus filhos um testamento, ele concluiu esses momentos tão preciosos da nossa vida revelando o mais íntimo segredo para o homem casado alcançar essa desafiadora meta: a Cruz, Jesus Crucificado e Abandonado, que acompanha todos os seres humanos na sua trajetória por esse “vale de lágrimas” e que, sob formas e condições as mais diversas, nos une na sua misteriosa mensagem de dor e amor. “Eis aqui a divina alquimia, que é o segredo da felicidade e da santidade conjugal: transformar a dor em amor, tornando-a um precioso combustível gerador de vida”, finalizava Foco.

Não nos despedimos com o tradicional gesto de separação, mas num aperto de mão emblemático do compromisso de sermos responsáveis pela santidade uns dos outros.